

## **Agostinho: A Cidade de Deus**

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.  
Bacharel-Licenciado e Pós-Graduado em  
Filosofia Pela Universidade Federal de Mato  
Grosso.

### *Introdução*

Este artigo pretende trabalhar a *teoria política agostiniana*, a partir da sua *teologia da história*, consignada no *De Civitate Dei*. O principal objetivo é propor um conspecto desta obra, a fim de salientar que a religião cristã não é uma religião que sugira uma alienação do mundo em que vivemos. Desenvolveremos a nossa temática da seguinte forma. Antes de tudo, apresentaremos uma concisa biografia da vida de Agostinho, que nos fará ver como a história do nosso teólogo cruzou-se com a de Roma. Aproveitando o ensejo, elencaremos as suas principais obras, o que permitirá que localizemos em que fase da vida de Agostinho surgiu esta monumental obra, que levou dez anos para ser concluída. Depois, apresentaremos o contexto histórico, bem como a motivação que deu origem ao *De Civitate Dei*. Em seguida, tentaremos propor uma divisão do livro que ressalte o que, a nosso ver, é o tema principal da obra: mostrar que a esperança cristã não foi a causa da queda do império romano; esta se deu, ao contrário, pela dissolução dos costumes do povo. Por fim, passaremos às considerações finais deste trabalho.

O nosso texto básico será, evidentemente, o *De Civitate Dei*. Lançaremos mão da tradução brasileira de Oscar Paes Lemes, editada pela *Vozes* em dois volumes. Recorreremos ao clássico de Étienne Gilson *La Philosophie au Mon Âge. De Scot Érigène à Guillaume d'Occam* (1922), na versão modificada – *La Philosophie au Mon Âge. Dès Origines Patristiques à la Fin du XIV* – de 1944. A tradução que seguiremos, no caso, será a brasileira, feita por Eduardo Brandão e lançada pela editora *Martins Fontes*, em 1995: *A Filosofia na Idade Média*.

Passemos às considerações concernentes à vida e obra de Agostinho.

## 1. Vida<sup>1</sup>

Agostinho nasceu em 354, em Tagaste, na Numídia. Seu pai, Patrício, era pagão e só veio a se converter no leito de morte. Sua mãe, Mônica, foi cristã fervorosa e deu a Agostinho os rudimentos da fé. Agostinho fez seus primeiros estudos em Tagaste e Madauro; seu pai o queria *rétor*. Em 371, transferiu-se para Cartago, onde se entregou a uma vida dissoluta. Quando jovem, ligou-se a uma mulher, mantendo com ela relações até 384. Em 372, nasceu Adeodato, fruto desta relação. Adeodato veio a falecer em 390. Foi através de uma obra de Cícero, *Hortensius*, hoje perdida, que Agostinho tomou gosto pela sabedoria filosófica. Ao conhecer a seita dos *maniqueus*, foi seduzido por ela, pois lhe parecia ser uma religião refinada, fundamentada apenas na *razão* e não em *fábulas* como pensava ser o caso da religião de sua mãe, Mônica.

Lecionou retórica em Cartago, de 374 a 383; no fim deste período que começou a se desencantar com a seita dos maniqueus; sua doutrina, outrora consistente, agora se lhe afigurava com muitas lacunas, sobretudo na *cosmologia*. Ao discutir com Fausto – o maior mestre maniqueu da época – completou-se a sua decepção; Fausto, constatou Agostinho, era um homem de muito pouca *cultura*. Não obstante o desencanto, Agostinho tinha ainda muitos amigos na seita e, em sua estada em Roma [383], continuou a manter contato com os maniqueus. No entanto, pouco depois veio a romper em definitivo com eles. E, uma vez tendo-se desvincilhado definitivamente do maniqueísmo, desorientado, Agostinho aderiu ao *ceticismo filosófico* e, em 384, por recomendação de Símaco – prefeito de Roma – tornou-se *mestre de Retórica* em Milão. Foi em Milão que o Doutor africano conheceu Ambrósio, que, à época, era Arcebispo dessa cidade. Começou a frequentar os sermões deste Bispo mais por *curiosidade* e por um encanto despertado pela *eloquência* de Ambrósio, que por qualquer motivo religioso. Embora sendo Ambrósio *um exegeta bíblico*, ele lançava mão de certos conceitos oriundos do *neoplatonismo*. Desta feita, Agostinho começou a notar que o *neoplatonismo* era superior ao *maniqueísmo*, além de se adequar, em muitos pontos, à própria *doutrina cristã*. Na verdade, foi Mânlio Teodoro – neoplatônico e cristão – quem, em 386, introduziu Agostinho nos tratados de Plotino. Simpliciano, sucessor de Ambrósio na cátedra de Milão, despertou-o para a similitude entre as concepções neoplatônicas e a *doutrina do*

---

<sup>1</sup> Nos dados biográficos de Agostinho e na cronologia, seguimos: BERTHOLD, Altaner, SUTUIBER, Alfred. **Patrologia: Vida e Obra dos Padres da Igreja**. 3ª ed. Trad. Monjas Beneditinas. Rev. Honório Dalbosco. São Paulo: Paulus, 2004. p. 412 a 418.

*Logos* exposta no *Prólogo do Evangelho de São João*. Exortado inúmeras vezes por Simpliciano a aderir à fé, Agostinho, certa feita, no jardim da sua casa, tendo a Bíblia em mãos, ouviu uma voz de criança que lhe dizia: “toma e lê”. Ao abrir a *Bíblia*, caiu-lhe o texto de *Romanos 13, 13s*. A partir de então, se existiam ainda dúvidas no seu espírito com respeito à proibidade *da religião cristã*, estas se dissiparam completamente. No ano de 386, renunciou a *cátedra* e retirou-se para *Cassiciacum*. Na *noite de Páscoa* de 387, ao lado de seu amigo Alípio, recebeu o *Batismo*, ministrado pelo próprio Ambrósio.

Após estes acontecimentos, decide regressar à África. Na viagem de volta, sua mãe que o havia acompanhado desde o início, falece em Óstia. Agostinho retorna então a Roma, onde ainda se ocupa com alguns trabalhos literários; contudo, em 388, regressa a Tagaste para, com alguns amigos, recolher-se numa espécie de *retiro monástico*. Sua ciência e piedade, bem como a sua conversão radical, fizeram com que Valério, que era Bispo de Hipona – consoante a vontade de todos os fiéis – o fizesse sacerdote por ocasião de uma visita de Agostinho à sua Igreja. Desta feita, Agostinho, que até então se dedicava preferencialmente à filosofia, põe-se, doravante, a compor obras literárias voltadas para temas *teológicos* e para a *catequese* do povo de Deus. Com a morte de Valério, em 395, Agostinho foi aclamado pelo povo como seu sucessor no bispado de Hipona. Sua participação nas controvérsias *donatista* e *pelagiana* foi fundamental para supressão destas heresias. Agostinho morreu em 28 de agosto de 430, quando a cidade estava sendo sitiada pelos *vândalos*.

Passemos a considerar a obra de Agostinho.

## 2. A Obra

Sua obra mais famosa, *Confissões* (399), foi redigida em treze livros. Como o próprio nome já diz, trata-se de uma releitura da sua própria vida à luz da sua conversão. Em se tratada da *dogmática teológica*, não resta dúvida que *A Trindade* (399-419), composta em quinze livros, seja o seu registro mais significativo. Se pensarmos no aspecto das controvérsias contra os heresiarcas, máxime os pelagianos, os *Tratados sobre a Graça* mereceram-lhe da Igreja o título de *Doutor da Graça*. Já a perspectiva *apologética* é mormente desenvolvida na sobeja obra *A Cidade de Deus* (416-427), consignada em vinte e

dois tomos. Para uma iniciação ao seu pensamento filosófico, a referência obrigatória permanece sendo: *O Livre- Arbítrio* (388), em três tomos. Também *A Verdadeira Religião* (389-390) é uma indicação neste campo.

Passemos à análise da *Cidade de Deus*.

## 2. A Cidade de Deus

A *Cidade de Deus* é composta de vinte e dois livros e foi escrita num espaço de dez anos (416-427). O contexto imediato desta obra é o da invasão de Roma por Alarico, rei dos Visigodos, em 410. Todo o orbe conhecido foi abalado pela queda de Roma, e todos, mesmo alguns cristãos, *culparam* o *cristianismo* por esta ocorrência. Segundo eles, o Deus de amor dos cristãos tinha-se mostrado incapaz de proteger o império. Destarte, a destruição de Roma se lhes apresentava como sendo um castigo pelo fato de os romanos terem abandonado os deuses da sua religião por causa do Deus dos cristãos.<sup>2</sup> Ora, a tarefa de Agostinho, que neste tempo já era Bispo de Hipona, será precisamente contrapor-se a esta ideia, a saber, de que o Deus dos cristãos seria o responsável pela queda de Roma. Fá-lo-á compondo uma obra que será um panegírico em defesa da religião cristã. Foi assim que nasceu o *De Civitate Dei*. É próprio Agostinho quem no-lo afirma no *prólogo* da monumental obra, quando a dedica ao seu dileto Marcelino:

Nesta obra, que estou escrevendo, conforme promessa minha, e te dedico, caríssimo filho Marcelino, empreendo defendê-la (a Cidade de Deus) contra estes homens que a seu divino fundador preferem as divindades. Trata-se de um trabalho imenso e árduo, mas conto com o auxílio de Deus.<sup>3</sup>

A obra se divide em vinte e dois livros, conforme já dissemos. Nos *dez primeiros*, Agostinho tenta mostrar como o *culto aos deuses* não proporciona nem a *felicidade temporal*, nem, tampouco, a *felicidade eterna*. Nos *cinco primeiros livros* acentua a inutilidade do culto

---

<sup>2</sup> LEÃO, Emanuel Carneiro. **Fé Cristã e História**. In: AGOSTINHO. **A Cidade de Deus**. 7ª ed. Trad. Oscar Paes Lemes. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 17: “Todos, cristãos e não cristãos, acusavam o Cristianismo: o Deus do amor e da caridade não serve para institucionalizar, isto é, organizar e defender uma civilização e uma cultura. 410 é a demonstração prática da fraqueza política do Deus dos cristãos.”

<sup>3</sup> AGOSTINHO. **A Cidade de Deus**. 7ª ed. Trad. Oscar Paes Lemes. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. *Prólogo*. p. 27.

aos ídolos para alcançar a *felicidade terrena*. A partir do *livro sexto* e até o *décimo*, ressalta o quanto é frívolo cultuar os deuses esperando obter deles a *felicidade eterna*. Esta ordem, o próprio Agostinho a atesta no *primeiro capítulo do livro VI*:

Agora, posto que a seguir, como o exige a ordem prescrita, temos de refutar e ensinar os que sustentam que os deuses dos gentios, desvirtuados pela religião cristã, não devem ser adorados pela presente vida, mas por amor à vida que há de seguir à morte, apraz-me dar princípio a minhas palavras pelo verídico oráculo do Salmo sagrado: Bem-aventurado aquele cuja esperança é o senhor e não deteve seus olhos em vaidades e loucuras mentirosas.<sup>4</sup>

A *segunda parte* da obra compreende *todos os livros restantes* (XI- XXII) e será nela que Agostinho desenvolve a sua chamada *teoria das duas cidades*. Nela trata tanto da *origem* (XI-XIV) e *desenvolvimento* (XV-XVIII) das duas cidades, quanto de seus *respectivos fins* (XIX- XXII). Ouçamos o próprio Agostinho:

Nos dez livros precedentes, respondi aos inimigos da Cidade Santa, tanto quanto pude, com a assistência de nosso Senhor e Rei. Agora, consciente do que de mim se espera e lembrando-me de minha dívida, empreenderei, no favor do mesmo Rei e Senhor nosso e em meu escasso valor, falar da origem, desenvolvimento e fins devidos das duas cidades.<sup>5</sup>

A *origem* das duas cidades, conforme ressalta Agostinho, remonta à *queda dos anjos*. Contudo, o que as funda, de fato, são *dois amores*: o *amor de si* levado ao desprezo de Deus, a *cidade terrena*; o *amor a Deus* que leva ao desprezo de si, a *cidade celestial*.<sup>6</sup>

Para compreendermos o *desenvolvimento* das duas cidades, precisamos, antes de tudo, entender como se estruturam. No *vigésimo livro*, Agostinho dá a seguinte definição de povo: “O povo é o conjunto de seres racionais associados pela concorde comunidade de objetos amados”<sup>7</sup>. Portanto, existem *povos temporais*, que buscam *bens temporais*, dos quais o maior, por comportar todos os outros, é a *paz*.<sup>8</sup> Ora, os cristãos, que são homens como os pagãos,

---

<sup>4</sup> *Idem. Op. Cit.* VI, I, 1. p. 234.

<sup>5</sup> AGOSTINHO. *A Cidade de Deus Contra os Pagãos*. 4ª ed. Trad. Oscar Paes Lemes. Rio de Janeiro: Vozes, 2001. XI, I, p. 19.

<sup>6</sup> *Idem. Op. Cit.* XIV, XXVIII, 2. p. 169: “Dois amores fundaram, pois, duas cidades, a saber: o amor próprio, levado ao desprezo a Deus, a terrena; o amor a Deus, levado ao desprezo de si próprio, a celestial.”

<sup>7</sup> *Idem. Op. Cit.* XIX, XXIV, 5. p. 419.

vivem nestas cidades temporais e esforçam-se para promoverem a *paz temporal*: comum a *bons e maus*.<sup>9</sup> Todavia, além do *povo da cidade dos homens* e da própria *paz temporal*, há um outro *povo* que constitui também uma outra *cidade* e que busca uma *paz* de outra ordem. Há, pois, uma *paz privativa* daqueles que, pela *fé*, esperam desfrutar e de alguma forma já desfrutaram do próprio Deus.<sup>10</sup> Ora, como esta *cidade é espiritual*, ela não se encontra no “espaço-temporal” de nenhuma *cidade terrestre*; antes, podemos recrutar seus cidadãos de todas as *cidades terrenas* existentes.<sup>11</sup>

Agora bem, em contraposição a esta *cidade espiritual*, existe uma terrena – não aquela da qual falávamos fazerem parte também os cristãos – mas aquela cidade que vê, nesta vida, o seu *fim último*. Para não haver confusão, chamá-la-emos de *cidade do Demônio*<sup>12</sup>. Hoje, estas duas cidades – a de Deus e a do Demônio – encontram-se *misturadas* nas cidades terrenas, pois elas só serão *separadas*, e seus habitantes *distinguidos*, no *juízo final*.<sup>13</sup> Desta sorte, enquanto o cristão estiver nesta terra, a sua paz consistirá em, pela *graça* e através da *razão*, dominar as *paixões infames*; quando, porém, estiver na *paz final*, ou seja, na *visão clara* de Deus: “(...) não será necessário a razão mandar nas paixões, pois não existirão”<sup>14</sup>. Entretanto, para os que não pertencem à *Cidade de Deus*, ao *Juízo Final* sucederá a *guerra final*, isto é, uma *batalha eterna* entre as *paixões* que se opõem à *vontade* e a *vontade* que se opõe às *paixões*.<sup>15</sup> Por conseguinte, a *teologia da história agostiniana*, desenvolvida na *De Civitate Dei*, não é senão a tentativa de compreender, à luz da *fé cristã* – máxime a partir do seu *movimento escatológico* – todos os momentos da *história humana*.<sup>16</sup>

<sup>8</sup> GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 156. “Portanto, há povos temporais, unidos no tempo para a busca dos bens temporais necessários à vida, o mais elevado dos quais, por comportar todos os outros, é a paz (...)”.

<sup>9</sup> AGOSTINHO. *Op. Cit.* XIX, XXVI, 5. p. 420 e 421: “Quando anuncia ao antigo povo de Deus seu cativo e lhe recomenda ir para a Babilônia sem murmurar e dando a Deus prova de sua paciência, o profeta Jeremias aconselha-o a orar por essa cidade, porque em sua paz encontrareis vossa paz, quer dizer, a paz temporal comum aos bons e aos maus.”

<sup>10</sup> *Idem. Op. Cit.* XIX, XXVII, 5. p. 421: “Porém, a paz, privativa de nós, aqui e com Deus a gozamos pela fé e eternamente a desfrutaremos com Ele pela visão clara.”

<sup>11</sup> GILSON. *Op. Cit.* p. 157: “Formam, portanto, também eles, um povo, cujos cidadãos se recrutam em todas as cidades terrestres e cuja sede mística pode ser chamada ‘Cidade de Deus’”

<sup>12</sup> A chamada *cidade do demônio encontra-se*, tal como a *cidade de Deus*, inserida na *cidade terrena*, mas sem se identificar com ela. Sem embargo, a *cidade terrena* compreende também os cristãos.

<sup>13</sup> *Idem. Op. Cit.* “Hoje, as duas cidades permanecem mescladas uma à outra, mas serão finalmente separadas e distintamente constituídas no dia do Juízo final.”

<sup>14</sup> AGOSTINHO. *Op. Cit.* XIX, XXVII, 5. p. 422.

<sup>15</sup> *Idem. Op. Cit.* XIX, XXVIII, 5. p. 422: “Mas, como a guerra é contrária à paz, como a miséria à felicidade e a morte à vida, pode-se perguntar, com razão, se à paz final, tão celebrada e louvada como soberano bem, não seria interessante opor o soberano mal da guerra final. (...) Que guerra, pois, mais cruel e mais encarniçada a gente pode imaginar que aquela em que a vontade será tão contrária à paixão e a paixão à vontade, que a inimizade entre ambas jamais cessará pela vitória de uma ou de outra.”

Ora bem, os cristãos, pela própria exigência da sua religião, devem buscar – tal como os pagãos – a *paz temporal*. No entanto, poder-se-ia arguir se existe realmente uma distinção entre cristãos e pagãos no que toca à *cidade temporal*, já que ambos buscam a mesma paz temporal. Étienne Gilson, agudo intérprete da *teoria política agostiniana*, sublinha a seguinte distinção: embora os cristãos, como os pagãos, busquem a paz da cidade terrena, aqueles se distinguem destes pela *intenção*. De fato, enquanto os pagãos buscam a paz terrena como *fim*, os cristãos a buscam como *meio*, e, por conseguinte “(...) aquilo que os membros apenas da cidade terrena fazem, quando fazem, por devoção a seu país, os cristãos fazem-no por devoção a Deus”<sup>17</sup>. Pelo que – acentua ainda Gilson – quanto à *práxis* das *virtudes sociais*, não há *oposição* entre cristãos e pagãos<sup>18</sup>, posto que eles se distinguem quanto ao fim que buscam.

Por fim, resta salientar uma última questão. Estas duas cidades se distinguem também pela doutrina. De fato, enquanto na *cidade terrena* se permite que a *verdade* conviva com o *erro*, na *Cidade de Deus* – e neste ponto Agostinho parece identificá-la com a própria instituição Igreja<sup>19</sup> – aqueles que pregam o *erro* devem ser corrigidos, e, caso persistam em suas perversidades, tornam-se *hereges* e devem ser excluídos da *comunhão eclesial*, passando a serem vistos como *inimigos*.<sup>20</sup>

Passemos às considerações finais deste trabalho.

## Conclusão

Os cristãos, como os pagãos, também buscam a paz temporal e não a buscam através de outras virtudes senão aquelas mesmas que animam os *não cristãos* na persecução da mesma paz. Neste sentido, podemos dizer que não há lugar, numa sociedade cristã, para

<sup>16</sup> GILSON. *Op. Cit.* p. 167: “A imensa obra histórica de santo Agostinho, seu *De Civitate Dei*, tem por objeto, precisamente, reconstruir em traços gerais essa teologia da história, para a qual todos os acontecimentos marcantes da história universal são momentos na consumação do plano previsto por Deus.”

<sup>17</sup> *Idem. Op. Cit.* p. 196.

<sup>18</sup> *Idem. Op. Cit.*: “Essa diferença de motivos não impede, pois, o acordo de fato na prática das virtudes sociais.”

<sup>19</sup> Vide: AGOSTINHO. *Op. Cit.* XVI, 2, 3. p. 221: “(...) devem referir-se a Cristo e à sua Igreja [*Christum et eius Ecclesiam*], que é a Cidade de Deus [*quae civitas Dei est*]”.

<sup>20</sup> *Idem. Op. Cit.* XVIII, LI, 1. p. 370: “Os que na Igreja de Cristo têm opiniões perigosas e más, se, corrigidos, resistem com contumácia, se negam a emendar-se das pestíferas e mortíferas doutrinas e persistem em defendê-las, tornam-se hereges e, uma vez fora da Igreja, olhamo-los como inimigos que a exercitam. Assim, com seu mal são úteis aos verdadeiros católicos, membros de Cristo, usando Deus bem dos maus e cooperando tudo para o bem dos que o amam.”

nenhuma forma de segregação social. Os cristãos se veem como consortes de todos aqueles que buscam a paz temporal, na justiça. Porém, os cristãos buscam esta paz não como fim e sim como meio, e isto acaba tornando-se o único aspecto que os distingue dos demais cidadãos. Significa, ademais, que, na *práxis* das *virtudes sociais*, não há diferença entre *o não cristão* e o cristão, salvo que o cristão tem consciência de que é viandante neste mundo, porque busca, como fim último de sua vida, uma paz que não é como a deste mundo e que ele alcançará apenas no além-túmulo. Com isso, a *teologia agostiniana*, longe de apresentar-se como um caminho para a intolerância religiosa, abre espaço para uma convivência pacífica e respeitosa entre cristãos e não cristãos, posto que estes só se distinguem pela *intenção* que os anima e não pela *práxis* que os une. De fato, ambos buscam, um como fim e outro como meio, a paz da *cidade dos homens*.



## ***BIBLIOGRAFIA***

AGOSTINHO. **A Cidade de Deus**. 7ª ed. Trad. Oscar Paes Lemes. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002. Parte I.

\_\_\_\_\_. **A Cidade de Deus Contra os Pagãos**. 4ª ed. Trad. Oscar Paes Lemes. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2001. Parte II.

BERTHOLD, Altaner, SUTUIBER, Alfred. **Patrologia: Vida e Obra dos Padres da Igreja**. 3ª ed. Trad. Monjas Beneditinas. Rev. Honório Dalbosco. São Paulo: Paulus, 2004.

GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: MARTINS FONTES, 1995.

LEÃO, Emanuel Carneiro. **Fé Cristã e História**. In: AGOSTINHO. **A Cidade de Deus**. 7ª ed. Trad. Oscar Paes Lemes. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.